

* DGPC
afaria@dgpc.pt

Crónica de onomástica paleo-hispânica (23)

António Marques de Faria*

Resumo Damos continuidade aos comentários sobre onomástica hispânica pré-romana publicados em anteriores volumes desta mesma revista.

Abstract We go on commenting on Paleohispanic onomastics. All the other comments were published in previous volumes of this same journal.

ARANCISIS (gen.). Estela de cabeceira. Vizmanos (Sória). *HEp* 3, 363.

Nada temos a acrescentar ao que expusemos acerca do presente NP numa recente ocasião (Faria, 2011 [2012], p. 149). Cabe-nos tão-somente assinalar como *comparandum* o NL *Arangiz*, atestado desde 1025 (Salaberri, 2013 [2015], p. 206), que poderá derivar do NP **Arancises*, subjacente ao genitivo ARANCISIS (Faria, 2011 [2012], p. 149), ou, mais provavelmente, de **aranco** (Faria, 1995a, pp. 79–80, 2002a, p. 237; Ferrer, 2010, p. 56). Este último poderá ter estado na origem do NP **Aranc(i)us*, que Salaberri (2013 [2015], p. 206) trouxe à colação, a par de outros candidatos, como matriz do NL *Arangiz*.

Aspis. *It. Ant.* 401.2.

A nossa abordagem ao presente NL, matriz do nome do município de Aspe (Alicante), resulta das reflexões que nos suscitou o tratamento conferido ao mesmo por dois conceituados investigadores em momentos praticamente simultâneos (Silgo, 2013, pp. 60–61; Ballester, 2013, pp. 35–36).

Em jeito de nota prévia, não há como provar o carácter fidedigno do testemunho veiculado pelo chamado *Itinerário de Antonino*, tanto mais que aquele colide com a versão que dele nos chegou através de Ptolemeu (Geog. 2.6.61): Ἰασπίς. Em boa verdade, nenhuma destas obras sobressai pela fiabilidade das formas toponímicas nelas consignadas, ainda que Silgo (2007, p. 24) consiga reconhecer maior credibilidade à obra do Alexandrino.

Partamos, pois, do pressuposto de que *Aspis* configura a latinização de um NL ibérico, consistindo a forma veiculada por Ptolemeu numa contaminação do grego ἰασπίς / latim *iaspis* ‘jaspe’ (Silgo, 2013, p. 61). Curchin (2009, p. 71), por seu lado, opta por identificar no NL em apreço o vocábulo grego ἄσπις ‘escudo’.

Do nosso ponto de vista, deve ser **Ar̥sbi* o NL que subjaz a *Aspis*, porquanto não descortinamos quaisquer *comparanda* suficientemente sólidos para *as-*, o radical ibérico que, segundo Ballester (2013, p. 36), cumpre individualizar em **Asbi*. Ἰασκερπίς (Ptol. Geog. 2.6.71), o único paralelo invocado por Ballester (2013, p. 36), que Silgo (2013, p. 59) analisa como *ask-erri*, não nos parece passível de ser segmentado em Ἰασ-κερπίς, por muito sugestiva que se apre-

sente a associação do presumível componente final ao NE *Ceretani* (Ballester, 2013, p. 36). Em alternativa à conexão estabelecida por Ballester, cremos ser mais razoável fazer corresponder **ascer** — o lexema que, provido do sufixo toponímico *-i*, presente, e.g., em *Bacasí* (Faria, 2002b, p. 123), originou o NL Ἰασκερπίς < **Asceri* — ao primeiro membro do presumível NP composto bitemático **ascererdif** (Velaza, 2013, pp. 541, 543).

Em todo o caso, Ballester poderia ter trazido à colação o testemunho fornecido pelo NL Ἰασσῶ (Ptol. Geog. 2.6.60), também atestado na epigrafia latina (Silgo, 2013, pp. 61–62), o qual, à semelhança da equação **lešo** ~ *lesso*, poderá corresponder a uma forma **Ašo* — não sendo de descartar **Aso* (Silgo, 2000, p. 514; Correa, 2001, p. 314; De Hoz, 2003, pp. 87–88) —, a adicionar a vários outros NNL ibéricos sufixados por *-o* (Faria, 1995b, p. 326; v. *infra*, p. 160). Importa, no entanto, contemplar a hipótese de a sibilante geminada constituir o resultado de uma assimilação consonântica.

Refira-se, em favor da nossa teoria, que a passagem, por assimilação regressiva, de *ar̥s-* a *as-* antes de consoante não oferece grandes problemas, figurando, por exemplo, em *asto* < *arsto* (Gavel, 1921, pp. 201, n. 1, 283, n. 2; Michelena, 1997⁵, p. 60, n.º 104; Faria, 2009 [2010], p. 162; Silgo, 2011, p. 317). Muito embora não disponhamos de quaisquer argumentos demonstrativos da nossa convicção, acreditamos que se verifica o mesmo fenómeno no NL *ASTIGI* < **Ar̥stigi* (Faria, 2007a, p. 217). Quanto ao sufixo toponímico *-bi*, é possível que, entre os oito casos referenciados por Ballester (2013, p. 36, 2015, p. 127 e n. 1) ou entre os cinco a que, mais cautelosamente, alude Silgo (2013, p. 299), haja alguns NNL que o possuam. Seja como for, *Anabis* (Villar, 2000, p. 171, 2014, p. 50), *Cusubi* (Villar, 2000, p. 127), *Scal(l)abis* (Faria, 1999a, p. 154, 2001, p. 102; García Alonso, 2003, pp. 110–111), *Saetabis* (Faria, 2013, pp. 201–202), *Tolobi* (Villar, 2000, pp. 125, 151; Bascuas, 2006, pp. 163–164) e *Ucubi* (Desanges, 1977, p. 256; Villar, 2000, p. 80, 2005, p. 99; Villar & alii, 2011, p. 112), além do hidrónimo *Sorobi* (Villar, 2014, p. 38), conformam NNL que, quando não emanam de idiomas alheios ao ibero, suscitam distintas análises que não implicam necessariamente a individualização do sufixo ibérico *-bi*.

Mais razoável será supor que o mesmo sufixo compareça nos NNL **biurbi** (Luján, 2005 [2006], p. 478; Silgo, 2013, p. 100) — caso não estejamos na presença de um NP (Faria, 1990–1991, p. 84, 1991a, p. 190, 1994a, p. 67, 2002b, p. 135, 2004a, p. 280, 2011 [2012], p. 171) — e **salduie** < **saldu-bi-e* (Faria, 2000a, p. 138).

ASTERDV'MA'RI (dat.). Estela de mármore. Obarra/Calvera (Puebla de Castro, Huesca). Orduña & Velaza, 2012, *passim*.

Antes de mais, cumpre-nos assinalar aqui a existência do nexa 'MA', porquanto este passou despercebido a Orduña & Velaza (2012, p. 268) na transcrição “definitiva” do epitáfio. Importa ter presente que *Asterdumar* < **aster-tuYbar* (Faria, 1994a, p. 66) corresponde ao matronímico de *Publius Aurelius Tempestivus*, que mandou gravar uma inscrição em memória de sua mãe e de seu pai, denominando-se este último *Aurelius Tannepaeser*.

Não foi há muitos anos que interpretámos *Tempestivus* < *Tempestivus* como um Deckname de tradução, fazendo-o corresponder ao lexema *adin*, bastante disseminado na antroponímia ibérica (Faria, 2010 [2011], p. 101).

Pouco antes de nós, a propósito do *cognomen* de *Publius Aurelius*, Vidal (2009, p. 719 = 2012, pp. 343–344) declarou que

Asterduma [sic] es la madre de un tal *Tempestivus* [sic] ('Oportuno'), y en vasco *asti* significa 'tiempo, momento' (¿acaso proceda el vasco de **aster*?).

Conquanto a nossa proposta careça de elementos probatórios, continuamos a preferi-la à teoria apresentada por Vidal, mesmo se cotejarmos *aster* com o basco *aste* 'semana, dia laboral' / 'início, começo' (Agud & Tovar, 1989, pp. 464–465, s.u.), fonética e semanticamente mais próximo do segmento ibérico em análise do que *asti* 'tempo livre, lazer, ócio', um termo de presumível origem romance (Agud & Tovar, 1989, p. 466, s.u.). Passamos a expor os motivos da nossa discordância com Vidal.

Antes de mais, apesar das reticências manifestadas por Rodríguez (2014, p. 115), caso interpretemos o segmento antroponímico ibérico *aste* (Faria, 2011 [2012], pp. 150–151) como versão apocopada de *aster* (*contra* Faria, 2011 [2012], p. 151), não é viável associar

este lexema ao homógrafo basco *aste*, quando, em função da sibilante presente no vocábulo ibérico, seria expectável neste último idioma a forma **azte(r)* (Michelena, 1955, p. 278, 1961, pp. 21, n. 42, 22; De Hoz, 2003, p. 93; Orduña, 2005 [2006], p. 502 e nn. 36–37, 2011, p. 131; Pérez Orozco, 2007a, pp. 29, 31).

Independentemente da legitimidade de uma tal conexão, é de admitir que o basco *aste* remonte ao paleobasco **aster*. Os vestígios do reenvio do basco *aste* para **aster* podem encontrar-se em *astelegun* 'dia laboral' < **asterlegun* < **asteregun* bem como nas variantes arcaicas deste termo: *asteragun*, *asteraun*, *astregun* e *astre egun* < http://www.euskaltzaindia.eus/index.php?option=com_oeh&view=frontpage&Itemid=&lang=eu&sarrera=aste > [consulta de 20-11-15]. Todas estas formações são incompatíveis com a possibilidade de *astelegun* configurar uma dissimilação de **astenegun* (Agud & Tovar, 1989, p. 466, s.u.). A explicação mais razoável para a ocorrência da lateral em *astelegun* consiste em interpretá-la como consoante de ligação, fenómeno que ocorre igualmente em *latorlegui* (1105), *izarrlegui* (1150) e *behorlegui* (1273) (Orpustan, 1999, p. 99), ainda que, nestes casos, não se verifique a assimilação da vibrante final do primeiro componente ao <l> epentético. Cabe ainda a eventualidade de a lateral ter sido introduzida após a eliminação da vibrante de **aster*, contando este fenómeno fonológico com vários paralelos no basco medieval (Orpustan, 1999, p. 239). Importa ainda referir um segundo argumento que pode ser usado em contraposição à supracitada teoria de Vidal. Em face do que se conhece acerca da transmissão antroponímica entre os Iberos (Albertos, 1966, pp. 260–262; *MLH* III 1, p. 197), seria *a priori* mais razoável encontrar em **tane(š?)* ou em *baisei*, formantes que compõem o nome paterno de *Publius Aurelius Tempestivus*, a tradução ibérica, mais ou menos literal, do significado detido por este *cognomen*.

É certo que os segenses SOSIMILVS (**Sosinbilos*) e SOSINADEM (**Sosinadin*), integrantes da *Turma Salluitana* (CIL I² 709), são, pelo menos à primeira vista, identificados como filhos de **Sosinasa* (SOSINASAE F), que poderia corresponder a um matronímico, dada a vogal com que este terminaria no nominativo. Em todo o caso, nada obsta a que **Sosinasa* identifique o patrónimo dos dois cavaleiros, tanto mais que

é igualmente possível analisar o presente NP como **Sosin-a-śai* ou, com menor grau de verossimilhança, como **Sosin-a-śai*.

A primeira exegese, que é, das duas, a que merece a nossa preferência, consiste em segmentar **sosinaśai* em **sosin-a-śai*, devendo-se a vogal epentética, de timbre idêntico à da vogal inicial do ditongo seguinte, a uma restrição da fonotaxe ibérica relativa ao emprego da sequência consonântica *-nś-*, de raríssima atestação gráfica, tanto em contextos heterossilábicos (Correa, 1999, p. 380, 2001, p. 308) — e.g., *siCeiCanśai* (Faria, 2007b, p. 177, 2008b [2009b], p. 81, 2010 [2011], p. 98, 2012, p. 95 — como em tautossilábicos — *iunśTif* (Correa, 2001, p. 308).

Em conformidade com a segunda análise, do nosso ponto de vista a menos plausível, **aśai* relacionar-se-ia com o elemento onomástico *śai* (Faria, 2007b, pp. 177–178, 2008b [2009b], p. 86, 2014, pp. 178–179), do mesmo modo que *abaś*, segmento constante de *abaśager* (C.2.3) (Faria, 1991a, p. 189, 1995a, pp. 80, 83, 2004a, p. 301, 2008b [2009b], p. 77, 2010 [2011], p. 90; Silgo, 2010, p. 312), se deve associar a *baś*, abundantemente documentado na antroponímia ibérica.

Em face da argumentação aduzida, não há quaisquer provas da existência de NNP ibéricos parcial ou totalmente derivados de matrónimos, circunstância que debilita a tese advogada por Vidal.

Se julgamos provada a existência do lexema paleobasco **aster*, não faltam tão-pouco os indícios de que **azter*, termo de significado hoje desconhecido, pertenceu igualmente ao mesmo idioma. Neste sentido, vale a pena aduzir o NL *Astráin* (Cendea de Cizur/Zizur, Pamplona) que terá derivado do NP (paleo)basco *Azter* (Belasko, 1999², p. 106), estando o dito NL atestado na documentação medieval sob as seguintes formas: *Astarayn* (1274), *Asterayn* (1275), *Aztarayn*, *Aztarrayn* (1274), *Azterain* e *Azterayn* (1119, 1162, 1189) (Jimeno, 1986, p. 259, n.º 63). Não há, a nosso ver, qualquer justificação para procurar a filiação de *Astrain* no NP *Asterius*, de origem latina (Caro, 1945, p. 69; Ramírez, 1987, p. 568 e n. 17, 1988, p. 179, 2002, pp. 40, 44).

Mais facilmente se compreenderia que *Astiriain* (Jimeno, 1986, p. 259, n.º 62), constituísse um derivado toponímico de *Asterius*, atendendo à evidente segmentação morfológica daquele NL

em *Astiri-ain* < **Asteri-ani*. É esta mesma razão que nos leva a optar por encontrar a génese do NL *Laquidain* em *Placidus*, e não em *Placidius* (Jimeno, 1986, p. 268; Ramírez, 1988, p. 180, 2002, p. 40).

Mesmo que nos abstraiamos de estabelecer qualquer relação semântica entre o ibérico *aste(r)* e o homónimo (paleo)basco, atentas as copiosas afinidades fonológicas entre ambas as línguas, cremos que os compostos onomásticos ibéricos formados por *aste* — **as[te]bai**, **astebei(ce?)**, **astebeibas**, **ASTEDVMA** e **SIR[A]STEIVN** (Faria, 2011 [2012], p. 150) — provam à saciedade que as designações bascas dos dias da semana iniciadas por *aste* são muito mais antigas do que alguns autores vinham suspeitando (Trask, 1997, p. 277; Knörr, 2001, pp. 404–405). A criação de tais vocábulos será, decerto, prévia ao momento em que se generalizou a alteração da vogal final do primeiro membro do composto, um processo fonológico bem conhecido no basco medieval: aquitano **BELEX-CO-(NIS)** > basco *Berasco(iz)* (Michelena, 1954, p. 435; Gorrochategui, 1984, pp. 160, 269, 342; *contra*, Faria, 2000a, p. 135). A título de possíveis contra-exemplos, poderíamos aduzir **LARRAHE** (dat.) < basco *larre* ‘pastagem’ e **ARTAHE** (dat.) < basco *arte* ‘azinheira’ (Gorrochategui, 1993a, pp. 153–154). Pode, no entanto, dar-se o caso de os dois lexemas bascos descenderem de **larra* e de **arta*, a fazer fé na ortografia de ambos os teónimos paleobascos, que, além de monotemáticos, surgem desprovidos de sufixo.

ataber. Placa de chumbo. La Punta d’Orley (Vall d’Uixó, Castellón). *MLH* III 2 F.9.7.

Se não pudemos permitir que Rodríguez (2002 [2003], pp. 255, 258) fosse considerado o autor da interpretação de **ataber** (desprovido do sufixo *-ai*) como NP (Faria, 1991a, pp. 190, 191, 1994a, p. 66, 1998a, p. 270, 2004a, p. 278, 2007a, p. 211), tão-pouco aceitaremos que Ferrer (2015, pp. 15, 16) se arrogue o mesmo direito.

Do mesmo modo, teremos de negar a pretensão manifestada pelo referido investigador (Ferrer, 2015, *passim*) ao querer assumir a prioridade na identificação e análise dos seguintes NNP ibéricos: **anYber** (F.9.7) (Faria, 1991a, p. 191, 2004a, p. 277, 2007a, p. 211, 2010 [2011], p. 97), **leisif** (Solier, 1979, pp. 80, 85; Solier & Barbouteau, 1988, p. 72) (Faria,

1993, pp. 153, 157, 1995b, p. 326, 1997, p. 109, 2000a, p. 124, 2001, p. 99, 2004a, p. 298, 2007a, p. 214, 2007b, p. 173, 2008a [2009a], p. 151), **PenePeTaner** (F.13.12, .28) (Faria, 1991a, p. 190, 2003a, p. 317, 2010 [2011], p. 97), **Persir** (G.7.2) (Faria, 1990–1991, pp. 77, 79, 1991, pp. 190, 194–195, 1994a, pp. 67, 69, 1995a, p. 80, 1995b, p. 326, 2001, p. 99, 2002b, p. 125, 2007a, p. 212, 2008b [2009b], p. 65, 2010 [2011], p. 93) e SANBELSER (TSall) (**šani-bels-er*) (Faria, 1994a, p. 69, 1999a, p. 154, 2003a, p. 317, 2010 [2011], p. 97).

BELENNES. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

Em face dos *comparanda* que se podem aduzir para ambos os membros deste NP, de todas as hipóteses tendentes a identificá-los, por nós elencadas em crónica anterior (Faria, 2013, p. 190), BELEN-NES < **belen-nes* é a que emerge como a mais verosímil (Faria, 1993, p. 154, 1998b, p. 235, 2000a, p. 129, 2000b, pp. 62–63, 2002b, p. 135, 2007b, p. 166; Silgo, 1994, p. 76, 2000, p. 506, 2009 [2010], p. 144).

Silgo (1994, p. 76, 2000, p. 506, 2009 [2010], p. 144) vem admitindo que **Pelenos** (E.1.318, .319), tal como BELENNES, consiste num NP ibérico possuidor do elemento *belen*. Sucede, todavia, que, tanto quanto sabemos, não há nenhum NP ibérico que testemunhe a existência de -os como formante ou sufixo. Na eventualidade de ter configurado um NP, pela terminação que exhibe, **Pelenos** pertenceria mais facilmente à antroponímia céltica (De Hoz, 2015a, p. 165, n. 18). Contudo, a dar por assegurada tal exegese, atento o contexto geolinguístico em que *Belenos* se documenta (De Hoz, 2015a, p. 164), este presumível NP céltico deveria estar atestado como **Pelene*, constituindo esta a expectável adaptação ao idioma e à escrita ibéricos (De Hoz, 2015a, p. 165, n. 18, 2015b, p. 143). Convirá, no entanto, levar em devida consideração que nem todos os NNP célticos terão sofrido semelhante acomodação à morfologia ibérica, ficando, em todo o caso, por explicar a opção, em ambos os grafitos, por **Pelenos**, em detrimento de ***Pelenoś** (De Hoz, 2015a, p. 165, n. 18, 2015b, p. 143). Na nossa opinião, porém, **Carilos** (Faria, 2015, p. 126) e **setibios** (Faria, 2015, p. 136) constituem mais dois exemplos de NNP presumivelmente célticos, consignados em

textos ibéricos, que terminam em -os.

Ainda ao arrepio do parecer subscrito por Silgo, importa assinalar que De Hoz (2015a, 2015b), aduzindo vários argumentos de peso, veio recentemente advogar a interpretação de **Pelenos** com um substantivo comum céltico (**belenos*/**belenium*) designativo de um produto líquido de origem botânica dotado de propriedades medicinais.

Retomando a análise do NP que encabeça o presente verbete, BEL-ENNES, a segmentação propugnada por Schuchardt (1909, pp. 239, 242) e por Bähr (1948, p. 440), agora retomada por De Hoz (2015a, p. 164), carece de solidez, não tanto por ausência de paralelos para o presumível tema inicial, que são vários (Faria, 2003b, p. 216), mas porque ENNES não conta com nenhuma atestação segura (*contra*, Schuchardt, 1909, pp. 239, 242; Bähr, 1948, p. 444), nem mesmo em ALBENNES (Faria, 2007b, p. 162). Escapa, por conseguinte, à nossa compreensão que De Hoz (2015a, p. 164) declare, a propósito de BEL-ENNES, que “tanto el compuesto como sus dos formantes [están] muy bien atestiguados en la onomástica ibérica (...)”. Do mesmo modo, nenhum fundamento pode ser reconhecido à sugestão alvitada por Rodríguez (2014, p. 181), segundo a qual BELENNES configura a latinização de **belesniś*.

Em contrapartida, se bem que menos provável do que BELEN-NES, não pode ser inteiramente descartada a segmentação em BELENN-ES, proposta por Schuchardt (1909, p. 243) em alternativa a BEL-ENNES, que foi seguida sem grandes reservas por Silgo (2009 [2010], p. 144).

Caraniś/garaniś. Fragmento de base de cerâmica ática. El Vilar (Valls, Alt Camp, Tarragona). Panosa, 2015, p. 32.

Por uma questão de (falta de) paciência — os erros e as omissões bibliográficas são demasiado abundantes —, não nos iremos deter sobre a mais recente monografia redigida por Panosa (2015).

Dada a circunstância de ser inédito, cumpramos não tão-somente assinalar mais um NP céltico de tema em -i (Faria, 2011 [2012], p. 154) num texto ibérico (aquele surge sufixado pela sequência **aren**). Ao invés do que pretende Panosa (2015, p. 32), não é certo que o texto respeite o sistema dual, considerando alguns paralelos passíveis de ser aduzidos para o NP em causa. Com efeito, Delamarre (2007) não

recolhe um só NP céltico iniciado por *garan-*, coligindo apenas NNP iniciados por oclusiva velar surda — *Carania*, *Caranus* (Delamarre, 2007, pp. 57, 215); é bem certo que *garanu-* também ocorre na onomástica céltica continental, mas fá-lo exclusivamente em posição final, no epíteto teonímico *Trigaranus* (Delamarre, 2007, pp. 185, 222).

CuruCuru. Moedas. **Persa** < **Bersa* (localização indeterminada). CNH 439:1.

Praticamente tudo o que havia a dizer sobre esta legenda monetária consta de um artigo nosso, publicado há já vários anos (Faria, 2008b [2009b], pp. 73–74). Nele se assinava que, não muito tempo antes, De Bernardo Stempel (2007, p. 158) quis ver em **CuruCuru** um NL, alegadamente uma variante, por inserção de uma vogal epentética, de *Κόρκυρα* (*vel sim.*). Surpreendente, a dita autora (De Bernardo Stempel, 2014, p. 190), esquecendo convenientemente a sua tese anterior, e sem proceder a qualquer citação do nosso trabalho, vem repetir a argumentação que explanámos com vista a alicerçar a nossa interpretação de **Crucuru* como NP céltico.

Tão-pouco Ferrer (2012, p. 36) e os autores do nunca demasiado enaltecido *BDHESP II* (Estarrán & alii, 2015, pp. 78–79) fizeram qualquer menção ao nosso trabalho, preterindo-o em favor de Correa (1993, p. 116), no qual se identifica **CuruCuru** como NP “posivelmente ligur”.

eão. Moedas. *Eão* (Isona, Pallars Jussà). CNH 183:1–3.

Ao contrário do que pretende Garcés (2014, p. 32), jamais afirmámos que **eão** corresponde a uma raiz indo-europeia, tendo nós sempre defendido uma origem ibérica para o NL em causa (Faria, 1995b, p. 326, 2002b, p. 129, 2007b, p. 180, 2008b [2009b], p. 66). Escrevemos há mais de vinte anos (Faria, 1995b, p. 326) que **eão** consiste num NL formado por *eá* seguido do sufixo toponímico *-o*, também representado em **ieá-o** (A.10; CNH 199:1–4), **ituí-o** (A.11; CNH 193:1–16), **lauí-o** (A.14; CNH 195:1–17) e **Cai-o** (A.82; CNH 173:1–4). *eá*, a base deste NL, faz parte de numerosos elementos onomásticos, mas não foi, até agora, e para além do caso em apreço, identificado como componente monossilábico.

É, por conseguinte, completamente abusiva a

atribuição a Velaza (2011a, *passim*) quer da interpretação de **eão** como NL ibérico, quer da individualização neste último do sufixo toponímico *-o* (Garcés, 2014, p. 32).

diucas. Inscrição rupestre (Rochas Err 3 e 4). Err (Cerdanha, Languedoc-Roussillon, Pyrenées-Orientales). Campmajo & Untermann, 1993, p. 506, n^{os} 3 e 4; Ferrer, 2015, p. 14.

Conquanto Ferrer (2015, p. 14) não se pronuncie sobre o assunto, dada a comprovada importação pelos falantes do ibero de idionimos ou membros de compostos utilizados no âmbito da antroponímia céltica (Faria, 2008b [2009b], p. 77), julgamos bastante plausível que **diucas** conforme um NP de matriz gaulesa adaptado ao ibero. Neste sentido, podemos cotejá-lo com diversos NNP célticos documentados em inscrições latinas (Delamarre, 2007, pp. 84, 86–87): DEVCCVS (EDCS-07800544), DIVCONIS (gen.) (EDCS-08600286), DIVCCIVS (EDCS-08500779), DIVCIAE (dat.) (EDCS-10601213) e DIVC(*ius*) (EDCS-12200030).

Também o segmento *ergu(n)*, atestado como primeiro elemento em diversos NNP compilados por Ferrer (2015, p. 12), é passível de ser identificado com o radical dos NNP célticos ERCVS < **Ercos* (EDCS-53700808; EDCS-64202109) (Delamarre, 2007, p. 97) e ERGVENA (EDCS-34900076) (Palomar, 1957, p. 73; Vallejo, 2005, p. 319; Luján, 2007a, p. 266; De Bernardo Stempel, 2013a, p. 80 e n. 81, 2013b, p. 77), bem como dos NND ERCVRA e ERGE (dat.) (De Bernardo Stempel, 2013a, p. 80 e n. 81, 2013b, pp. 68, 77), ainda que Gorrochategui (2013, p. 26) confira a este último uma origem não-indo-europeia (aquítana). Cabe ainda equacionar a hipótese, conquanto menos verosímil do que a anterior, de **ercunbas** (Ferrer, 2015, pp. 11–12) corresponder a um putativo NP **Ercumas*/**Ergumas*, figurando o segundo membro deste presumível composto céltico no NP TAGOMAS (Faria, 2011 [2012], p. 167).

ilticira. Moedas. **Ildi(r)cira*/**Ilduícira* (Orcera, Jaén). CNH 356:1–2.

Quem acompanha as nossas crónicas tem plena consciência de que não pactuamos nem pactuaremos com gente que tem o mau hábito de tentar furtar o que é propriedade (intelectual) de outros. Entre os casos mais recentes, cabe-nos agora denunciar o episódio protagonizado por alguém que dá pelo nome de José San-

tiago Haro. Verdade seja dita que, antes de termos procedido a algumas diligências, chegámos a suspeitar de que estávamos perante um pseudónimo, o que poderia servir de explicação para o atrevimento com que o possuidor daquele nome empreendeu uma tão óbvia quão repugnante tentativa de esbulho. Santiago (2014, pp. 270–271, n. 149, 272–273, n. 154) teve a suprema desfaçatez de:

- a) se fazer passar por autor da transliteração da legenda monetária em análise;
- b) chamar a si a prioridade na identificação da ceca de **ilticira** com a cidade de nome *llorcira* < **lldúrcira*/**lldircira*, mencionada por Plínio (*nat.* 3.9) (Capalvo, 1996, pp. 130–131);
- c) ocultar a existência de nada mais nada menos do que 16 (*dezasseis*) textos nossos, publicados ao longo de 22 (*vinte e dois*) anos (Faria, 1991a, p. 192, 1991b, p. 16, 1995a, p. 82, 1997, p. 108, 2000a, pp. 132–133, 2001a, pp. 100–101, 2003a, p. 324, 2003b, pp. 220–222, 2004b, p. 180, 2005, p. 169, 2007a, p. 217, 2007b, pp. 171–172, 2008b [2009b], pp. 77–78, 2009 [2010], p. 165, 2011 [2012], p. 169, 2013, p. 199), nos quais expusemos as nossas descobertas referidas nas alíneas anteriores.

A circunstância de Santiago proceder à citação dos trabalhos em que Arévalo (1997), Pérez Almoguera (2001) e Ruiz & Molinos (2007) enunciam explicitamente as nossas teses constantes das alíneas a) e/ou b) comprova à saciedade que estamos perante um claríssimo plágio.

É evidente que esta nossa imputação repousa no pressuposto de que Santiago foi suficientemente honesto para ler, se não todos, ao menos um dos três trabalhos por ele citados; nada indicia que assim não tenha acontecido.

Dada a gravidade da situação ora descrita, dispensamo-nos naturalmente de comentar as enormidades produzidas acerca do NL ibérico *llurci* (Santiago, 2014, pp. 272, 276).

A propósito desta gorada tentativa de usurpação, talvez não seja despidendo recordar que a nossa transcrição da legenda monetária em apreço foi referida por Ruiz, Rueda & Molinos (2010, p. 71) a par de **lliraka**, sem que, ao contrário da postura assumida três anos antes (Ruiz & Molinos, 2007, p. 66), os ditos autores se tivessem dado ao trabalho de nos citar.

Sempre a respeito de **ilticira**, cumpre-nos voltar a recordar (Faria, 2008b [2009b], p. 78) a indecente conduta de Rodríguez (2007 [2008], p. 93), um “catedrático” da apropriação de ideias alheias, sobretudo das nossas.

Não é esta, felizmente, a atitude que se observa no tratamento dado à presente legenda toponímica por Estarán & *alii* (2015, pp. 129–130). No entanto, tal como sucede em várias passagens da mesma obra, a qualidade da informação prestada afigura-se bastante deficiente, não sendo, a nosso ver, merecedora de figurar em qualquer publicação. A título de exemplo, a legenda **iltir**, que figura no exergo do reverso do divisor emitido pela ceca em questão, publicado pela primeira vez por Collantes (1997, p. 204), é transliterada como *iltiraka?* (Estarán & *alii*, 2015, p. 130). Por mais de uma vez, alvitramos a hipótese de **iltir** (era já esta a leitura de Collantes) corresponder ao nome de um magistrado, provavelmente reduzido ao primeiro formante do composto (Faria, 1999a, p. 155, 2003b, p. 221). Cabe, contudo, a possibilidade, algo fragilizada pela presença da legenda **ilticira** no anverso da mesma emissão, de **iltir** abreviar o NL: **iltir(Cira)*, e não, obviamente, **iltir(aCa)* (Collantes, 1997, p. 204).

No que diz respeito à legenda (mais) completa, esteve bem Orduña (2014, p. 76) ao preterir a transliteração **iltiraka**, ainda agora veiculada por Ballester (2015, p. 135, n. 3), mas, desventuradamente, fê-lo em favor de **iltitirka** (De Hoz, 1980, p. 305, 2005 [2006], p. 74). Trata-se de uma leitura inaceitável, “dadas as ineludíveis discrepâncias entre os terceiro e quarto grafemas que compõem a supracitada legenda” (Faria, 2007b, p. 172).

laCereiá. Placa de chumbo. Ampurias (La Escala, Gerona). *MLH* III 2 C.1.5.

A reprodução fotográfica da recém-redescoberta inscrição que exhibe o NP em análise (Moncunill, 2015, p. 73, Fig. 5a) é suficientemente elucidativa da existência de um ponto que separa **laCereiá** da sequência agora transliterada por Moncunill como **TurPa**, devendo **laCereiáTuru** (Moncunill, 2010, p. 94) dar lugar a **laCereiá # TurPa**. Decorre desta circunstância que deixou de se justificar a individualização de um NP trimembre (**laCereiáTur**), proposta que subscrevemos durante vários anos (*MLH* III 1, p. 222; Faria, 2002a, p. 235, 2002b, p. 128, 2003b, p. 215, 2004a, p. 298,

2008b [2009b], p. 77, 2009 [2010], p. 159). A despeito das dúvidas manifestadas por Moncunill (2015, p. 79), não vislumbramos qualquer alternativa à interpretação aventada por Untermann (*MLH* III 1, p. 222), que consiste em encarar **laCereiaí** como um NP composto por *lacer* e *eiaí*. Este último elemento deve ser considerado variante de *iaí*, que se encontra testemunhado por diversas vezes na antroponímia ibérica (Faria, 2009 [2010], p. 159). Faltam, porém, as provas de que, como quer Untermann (*MLH* III 1, p. 222), *iaí* configure uma variante de *ian*.

orTinilTir. Moedas. Ceca indeterminada. Villarronga, 1998, pp. 126, n.º 310, 130, n.º 411. Pelas razões que aduzimos noutras ocasiões (Faria, 2005, pp. 164–165, 168–169, 2007b, p. 165, 2011 [2012], p. 166), temos de manifestar as nossas reservas quanto à possibilidade de individualizar NNL em vários compostos bimembres ibéricos terminados por *ildir*, numa ordem determinante-determinado (Orduña, 2003 [2004], *passim*; Luján, 2007b, pp. 53–54; Villar, 2011, pp. 577–583). Em todo o caso, ao tratar-se de uma legenda monetária gravada no exergo dos reversos de dracmas ibéricas, onde é expectável que figure o nome da ceca emissora, não podemos deixar de propor, em alternativa ao entendimento de **orTinilTir** como NP completo, que este lexema inclua como membro inicial o NL *Ordin*, ao qual poderiam ser associados diversos *comparanda* na toponímia atestada desde a Idade Média (Vidal, 2015, pp. 139–140). De qualquer

modo, preferimos continuar a ver em **orTinilTir** um NP, a exemplo de vários outros que figuram em dracmas ibéricas na mesma posição (Faria, 1996, p. 177, 1999b, p. 277, 2007b, pp. 167–168, 2010 [2011], p. 92).

Em face desta realidade, é curioso que Curchin (2015, p. 107, n.º 1218) tenha incluído **orTinilTir** no recente suplemento à monografia que dedicou aos magistrados locais da Hispânia romana (Curchin, 1990), eximindo-se, no entanto, de fazer qualquer referência aos outros magistrados cujos nomes foram igualmente gravados em suporte monetário (ou monetiforme), sobretudo em dracmas, sem identificação da ceca. Muito haveria a dizer do suplemento em causa; por agora, deixamos aqui uma lista das ausências observadas (Quadro 1), com a ressalva de alguns nomes poderem, eventualmente, corresponder a topónimos.

OSTVR. Moedas. Mesa del Castillo (Manzanilla, Huelva). CNH 389:1-8.

Desde há vários anos que vimos defendendo a inclusão do NL em apreço na toponímia ibérica (Faria, 1999a, p. 154, 2003b, p. 215, 2015, pp. 134, 135), com base na individualização de **ośTur** no NP **PeśośTurin** (Fletcher & Silgo, 1991–1993, p. 91), que Velaza (2006, p. 315) segmentou em **Peśoś-Turin**. À luz do que se sabe acerca da morfologia ibérica, **ośTur** seria decomponível em **oś-Tur**, havendo outros NNL, nomeadamente **Andur* e **CaiTur**, em que é possível isolar o mesmo elemento final (Faria, 2003a, p. 325). Também o NL *Baeturia* < **Baitur* é passível de ostentar o segmento *tur*.

Quadro 1 – Magistrados hispânicos excluídos por Curchin (2015).

arsaPaś	Faria, 1994b, p. 39, n.º 52, 1999b, p. 277, 2004a, pp. 277–278, 2015, p. 138
eToCiśa	Faria, 2011 [2012], p. 167
niosisCeí	Faria, 1994b, p. 39, n.º 265, 1995a, p. 84, 1999b, p. 277
olośorTin	Faria, 1994b, p. 39, n.º 279, 2012, p. 93
olośTeCer	Faria, 2012, p. 93
PaCarTaCi	Faria, 2008b [2009b], p. 85, 2011 [2012], p. 167, 2014, p. 169
Peleśur	Faria, 1996, p. 177, 1999a, p. 154, 1999b, p. 277, 2007a, p. 214, 2007b, p. 167
siíPaiseí	Faria, 1990–1991, p. 88, 1991a, p. 190, 1994a, p. 70, 2002b, p. 136, 2004a, p. 293
TiCírsCine	Faria, 1994b, p. 39, n.º 367, 1999b, p. 277, 2011 [2012], p. 172, 2015, p. 130
TiTeliCoí	Faria, 1999b, p. 277, 2007b, p. 168
urCeTeCer	Faria, 2003b, p. 227, 2004a, p. 310, 2007a, p. 230, 2007b, p. 180, 2008b [2009b], p. 59, 2010 [2011], p. 100, 2015, p. 139
[ś]alaiTiPaś	Faria, 1995b, p. 328, 2002a, p. 239, 2004a, pp. 290–291, 2007a, p. 226, 2007b, p. 179, 2010 [2011], p. 100, 2012, p. 105, 2015, p. 138
[ś]alPiśur	Faria, 2004a, p. 296, 2007a, p. 214, 2010 [2011], p. 92

Não obstante a pertinência deste raciocínio, a comparação com *Ostippo* (*TIR*, J-30, p. 259) induz-nos agora a equacionar a hipótese de OSTVR corresponder a um NL pertencente ao idioma tartéssio-turdetano, em que se integra *Ostippo*, decorrendo desta analogia uma segmentação em OST-VR.

SALAECO (dat.). Mina Mercurio (Portmán, Múrcia). González & Olivares, 2010, *passim*.

Cabe reconhecer todo o mérito a Velaza (2015, *passim*) ao identificar como ibérico o ND *Salae-cus*, que, na *editio princeps* (González & Olivares, 2010, pp. 122–123), foi linguisticamente associado ao mundo itálico na sua pretensa qualidade de epíteto aplicado a Neptuno.

Velaza, contudo, não quis ou não soube explorar mais exaustivamente a sua descoberta, deixando por catalogar dois dos *comparanda* existentes na onomástica ibérica para o radical *śalai/śalei*, dos quais curámos em diversas ocasiões: [ś]alaiTiPaś (Faria, 1995b, p. 328, 2002a, p. 239, 2004a, pp. 290–291, 2007a, p. 226, 2007b, p. 179, 2010 [2011], p. 100, 2012, p. 105, 2015, p. 138) e śaleibegi ou śaleicugi (F.13.4; Silgo, 2002, p. 57) (Faria, 2012, pp. 105–106). Também śaleTaś (F.17.6), a segmentar em śale-Taś (Rodríguez, 2014, p. 195), poderá documentar o mesmo elemento na sequência da monotongação do sufixo. Se a análise de śaleTaś formulada por Rodríguez merece a nossa concordância, já a assimilação de śalai a śar, alvitada pelo mesmo autor (Rodríguez, 2014, pp. 195, 196), releva da mais pura arbitrariedade.

Velaza (2015, p. 291) tão-pouco atendeu à possibilidade de o sufixo ibérico transposto para a flexão latina de tema em -o corresponder a -cu, e não a -co. De facto, nada obsta a que o ND original tenha sido *śalaicu em detrimento de *śalaico, não podendo ser de modo nenhum ignorada a ocorrência de diversos nomes próprios ibéricos terminados em -cu, alguns dos quais recolhidos por nós (Faria, 1997, p. 111, 2000a, p. 63, 2002b, p. 135). Recorde-se, em abono desta hipótese, que o NP *Toloco* (Campmajo & Ferrer, 2010, p. 260; Faria, 2013, p. 204), por nós identificado como ibérico em inscrições latinas (Faria, 1995a, p. 83, 1997, p. 111) — um facto omitido por Velaza (2015, p. 291) — foi incluído na morfologia nominal daquele idioma entre os substantivos de tema em nasal, não havendo

na documentação disponível qualquer atestação de **Tolocus*. Tal facto constitui um forte indício de que TOLOCO (nom.) e SALAECO (dat.) não terão partilhado o mesmo sufixo na língua ibérica.

śiCara. Moedas. *śigara/*śigarra (Prats del Rey, Anoia, Barcelona). Guerrero, 1993, *passim*; Faria, 1997, p. 110.

Depois de tudo o que foi escrito acerca desta ceca (v., nos últimos anos, Faria, 2012, p. 90, 2013, pp. 203–204), Salazar & Rafel (2015, p. 402) não conseguiram resistir à tentação de deturpar os factos historiográficos:

[S]e sabía de la existencia de una ceca ibérica que había acuñado moneda de patrón griego con la leyenda indígena śikaśa o śigaśa entre finales del siglo III e inicios del II a.C. (Villaronga 1998: 65; Pérez 2001–2002).

Importa, no entanto, assinalar que esta conduta imprópria replica a postura assumida reiteradamente por Pérez Almoguera — por coincidência, colega de Salazar e Rafel na Universidade de Lleida —, por nós denunciada há alguns anos (Faria, 2012, p. 90), pelos vistos sem grande êxito:

Por outro lado, ainda a respeito desta última legenda, foi sem surpresa que nos deparámos com mais uma tentativa de Pérez Almoguera (2011, p. 59) se fazer passar pelo autor da identificação de śiCara (Pérez Almoguera prefere *sikara*) com o NL *śigarra, sendo já a terceira vez que tal sucede (Pérez Almoguera, 2001–2002 [2004], p. 251, 2008, p. 57).

Notámos, não obstante, algum progresso em relação a determinados trabalhos, entre os quais um da autoria de Salazar, que incidiram sobre a cidade/ceca de *śigara/*śigarra: o *municipium Sigarrens* (Salazar, 2012, *passim*) parece ter dado (definitivamente?) lugar ao *municipium Sigarrens* (Salazar & Rafel, 2015, p. 400).

A propósito de distorções historiográficas, Garcés (2014, p. 32) não possui qualquer legitimidade para conceder a Ferrer & alii (2012) a primazia na identificação da ceca de śiCara/*śigarra (Guerrero, 1993, *passim*;

Faria, 1997, p. 110, 2004b, p. 186, 2008b [2009b], p. 87), uma decisão que foi igualmente tomada por Ballester (2015, pp. 139–140). O facto de Ballester (2015, *passim*), certamente por modéstia, ocultar dos seus leitores a produção própria não pode servir de pretexto para se eximir de citar o trabalho alheio, nos momentos em que uma tal tarefa se afigura inevitável. No artigo já citado (Faria, 2013, pp. 203–204), recorrendo aos vários argumentos à nossa disposição, tentámos encontrar no paleobasco/ibérico **sīgar(r)/*sigar(r)* a génese do basco *sagar(r)* ‘maçã/macieira’. Compete-nos agora assinalar a postura assumida sobre o tema por Nieto (1997, p. 320), rejeitada por Ballester (2015, pp. 139–140), que converge em parte com a nossa ao vislumbrar no basco *sagar* o produto da assimilação vocálica de um vocábulo prévio, que, a nosso ver equivocadamente, identifica com *segarra*. Impõe-se, outrossim, que excluamos **sigar(a)* como forma antecessora do basco *sagar(r)*, considerando a regularidade da equivalência entre <ś> ibérico e <s> paleobasco (Michelena, 1955, p. 278, 1961, pp. 21, n. 42, 22; De Hoz, 2003, p. 93; Orduña, 2005 [2006], p. 502 e nn. 36–37, 2011, p. 131; Pérez Orozco, 2007a, pp. 29, 31).

TANNIBER. Marca em lingote de chumbo. Naufrágio Cabrera 5 (Cabrera, Baleares). Simón, 2015a, *passim*.

Partindo do pressuposto, não inteiramente seguro (Simón, 2015a, pp. 181–182), de que estamos perante um NP ibérico completo (Simón, 2015a, *passim*), há que admitir duas hipóteses para a correspondente segmentação: TANN-IBER ou TANNI-BER. A análise TANN-I-BER, encarada por Simón (2015a, pp. 183, 184 e n. 17) como a mais plausível, não se nos afigura viável, já que a individualização de um infixo *-i-* em diversos NNP ibéricos (*MLH* III 1, p. 203) não passa, a nosso ver, de mera ilusão (Faria, 1995b, p. 328, 1998b, p. 234, 1999a, p. 154, 2000b, p. 126, 2001, p. 98, 2003b, p. 216, 2004a, p. 295). Não seria difícil acrescentar vários paralelos aos que foram encontrados por Simón para os presumíveis componentes de TANNIBER. Importa-nos, por agora, apenas assinalar que, na eventualidade de TANNI-BER constituir a segmentação apropriada, os dois *comparanda* aduzíveis para o tema inicial figuram em idêntica posição nos

NNP **TaniTo** (Campmajo & Untermann, 1993, p. 513) (Ferrer, 2010, p. 54) e **taneiceles** (C.15.1; Rodríguez, 2002 [2003], p. 269, Faria, 2004a, p. 300, 2008a [2009a], p. 152, 2008b [2009b], pp. 63–64), tendo este último sido erroneamente analisado tanto por Rodríguez (2002 [2003], p. 269, 2014, pp. 178, 199) como por Simón (2015a, p. 183 e n. 15).

VMMESAHAR. Estela funerária. Lerga (Navarra). Gorrochategui, 1984, pp. 287–288, n.º 379.

Muita tinta tem sido vertida a respeito do presente NP, tanto acerca do primeiro como do segundo componente. É precisamente sobre a exegese deste último que vimos apresentar a seguinte proposta: assim como *umme-* remonta (por assimilação da nasal) a *ombe-* < **onbe-* (Michelena, 1979, p. 29; Gorrochategui, 1984, p. 287), *sahar*, caso não seja um cognato do ibérico *saí*, deverá ter evoluído a partir deste último lexema, e não de *sacar*, tal como advogaram alguns investigadores, ainda que exibindo diversos graus de convicção (Siles, 1986, p. 33; Gorrochategui, 1995 [1997], p. 228, n. 102; Correa, 2001, p. 315; Pérez Orozco, 2007b, pp. 94, 108; Faria, 2008b [2009b], pp. 76–77). Note-se que esta nossa proposta interpretativa entronca numa outra, da autoria de Silgo (2002, p. 56). No referido texto, o paleo-hispanista valenciano individualizou *sar* na sequência truncada **[saresur]** (F.13.49), considerando-o um lexema correlato do basco *zahar*. Trata-se, porém de uma exegese que, levando em conta as truncaturas presentes tanto no início como no final da dita sequência grafemática, nos parece bastante arriscada. Por outro lado, Silgo não fornece qualquer argumento tendente a explicar a improvável utilização de *sar* como primeiro elemento de um composto. Com efeito, a identificação entre *zahar* < *sahar* e *saí* contabiliza também a seu favor o facto de este último tema ocorrer nos compostos antroponímicos invariavelmente em posição final, tal como sucede com VMMESAHAR, ao arrepio do que se verifica com *sacar* (Gorrochategui, 1988, p. 133, 1993b, p. 630), que só conhece uma — e problemática (Mayer & Velaza, 1993, p. 674, n.º 9–10, fig. 5; Velaza, 1993, p. 161, n. 18) — atestação como segundo membro de composto. Já Gavel (1921, pp. 100–103, 352) havia assinalado em diversos vocábulos bascos, entre os quais *zahar(r)/zagar(r)* < *zar* ‘velho’, um

desdobramento vocálico de natureza acentual ou prosódica (Iglesias, 2012, pp. 206–209), não tendo tal fenómeno, que foi igualmente alvo da atenção de Uhlenbeck (1932, *passim*), suscitado grande interesse entre os mais recentes estudiosos do idioma, sobretudo depois do comentário que, num registo irónico, lhe dedicou Michelena (1954, p. 430, n. 18). Felizmente, tal tomada de posição não obsteu a que Orpustan (1999, p. 65) examinasse o tema em dois elucidativos parágrafos.

Há vários casos na onomástica paleobasca-aquitana e na de origem céltica adaptada à morfo-fonologia daquele idioma que, à imagem de *zahar* < *sahar* < *saí*, atestam o desdobramento vocálico seguido da epêntese de aspirante anti-hiática. São eles *an-* > *hahan-*, *duno-* > *dunoho-*, *ler-* > *leher-* e *ulu-* > *uloho-* (Iglesias, 2012, pp. 207–208), conquanto Gorrochategui (1984, p. 286) prefira interpretá-los como testemunhos da evolução em sentido inverso. A alteração gráfico-fonética observada em *an-* > *hahan-* permite-nos entender HAHANTEN(N) como a versão aquitana (e feminina) do NP céltico (latinizado) *Antenus* (Delamarre, 2007, pp. 23, 211, 2012, p. 53).

A nossa opção por encontrar no ib. *saí*, e não em *saí* — segmento aparentemente mais comum do que o primeiro —, o cognato do basco *zahar* deve-se a um motivo muito simples: não é possível fazer corresponder as sibilantes de *saí* e de *zahar*, porquanto, tal como vimos *supra* (p. 164), à sibilante do vocábulo basco devia equivaler em ibero o signo < s - > (Michelena, 1955, p. 278, 1961, pp. 21, n. 42, 22; De Hoz, 2003, p. 93; Orduña, 2005 [2006], p. 502 e nn. 36–37, 2011, p. 131; Pérez Orozco, 2007a, pp. 29, 31). É esta mesma questão que dificulta sobremaneira qualquer paralelismo a estabelecer entre ib. *saí* e basco *zilar* (Velaza, 2011b, pp. 95–96) ou — se outras razões não houvesse (Faria, 2007b, pp. 178–179, 2008b [2009b], p. 86, 2013, pp. 201–202) — entre ib. *sa(n)i* e basco *zai(n)* < **zani* (Silgo, 2013, p. 266). O único modo de contornar o obstáculo que acabámos de descrever consiste em propugnar a equiparação semântica entre *saí* e *zahar*.

Importa salientar as dificuldades que se colocam à identificação do elemento *saí* na onomástica ibérica, uma vez que este é passível de ser confundido com o já citado *saí*, inquestionavelmente presente em *ildirsaí* (Solier, 1979,

pp. 82, 84, 85; Faria, 2008b [2009b], p. 81) e em *siCeiCansaí* (Faria, 2007b, p. 177, 2008b [2009b], p. 81, 2010 [2011], p. 98, 2012, p. 95). Todos os outros testemunhos, salvo o NP *lorsaí* (Faria, 1997, p. 111), são ambíguos (Faria, 1997, p. 111), podendo documentar *saí* ou *saí*: AGIRSARIS (gen.) (Rubio, 1997, pp. 60–61; Faria, 1997, p. 111; Martínez & González, 1998, p. 492), L'VNT'BELSAR (HEp 6, 4) (Faria, 1997, p. 111, 2008b [2009b], p. 81), *Toloísaí* (Rubio, 1997, p. 61 e n. 23; Faria, 1997, p. 111, 2000a, p. 133, 2003b, pp. 222–223, 2006, p. 117, 2008b [2009b], p. 81) e **Baesar* (Faria, 2002b, p. 127, 2003a, pp. 321, 326, 2007a, p. 217, 2008b [2009b], p. 81).

Em relação a AGIRSARIS (gen.), Martínez & González (1998, p. 492) não manifestaram quaisquer dúvidas em reconhecer uma matriz basca em *saí*, atribuindo-lhe o significado de 'velho'. No entanto, por razões que desconhecemos, além de não se comprometerem com qualquer análise diacrónica do sobredito elemento, estes autores não conseguiram apontar um só paralelo na epigrafia ibérica para qualquer dos componentes de AGIRSARIS. Por outro lado, da circunstância de a *saí* poder ser atribuído o significado de 'velho' não se pode inferir de modo nenhum que o indivíduo portador do dito nome era “una persona de edad avanzada o ya fallecida” (Martínez & González, 1998, p. 492).

Na eventualidade de *anaioísaí* consistir num NP segmentável em *anaioísaí* (Tolosa, < <http://es.dir.groups.yahoo.com/group/Bardulia/message/684> >, 2007, p. 161; Faria, 2006, pp. 115–117, 2008a [2009a], p. 147, 2011 [2012], p. 175, 2012, p. 89), o elemento final, cuja sibilante deverá corresponder a/ǰ/ (Ballesster, 2001, pp. 299–301), estará na origem do basco medieval *Ocharr/Ocarra/Oxarra/Ossarra*, documentado a partir do século XI (Michelena, 1997⁵, p. 144, n.º 511), NP que se considera ser a evolução morfo-fonológica de **or-zahar* (Michelena, 1997⁵, p. 144, n.º 511). Se for este o caso, semelhante etimologia configura mais um argumento a favor da filiação de *zahar* em *sahar* < *saí* e de **oxar* em *osaí*.

A confirmar-se a justeza destas nossas reflexões, não é possível conferir qualquer préstimo à etimologia que Lakarra (1997, p. 567, 1999, p. 42, 2011, p. 622), secundado por Igartua (2008 [2010], p. 174), acredita ter

encontrado para *zahar*: *zanar < *zanhor. Esta via etimológica é justamente criticada por Orduña (2011, p. 179), que, em contrapartida, incorre, a nosso ver, no erro de considerar originária a aspiração constante de VMESAHAR. Uma tal postura não deixa de se revestir de alguma ironia, ao ser assumida por um dos mais sólidos e competentes defensores do parentesco genético entre o ibero e o paleobasco.

V'NI'BEL. Placa de xisto. El Sauzón (Villanueva del Duque, Córdoba). *HEp* 7, 300.

Vale a pena recordar que Rodríguez (2007 [2008], p. 98) soltou alguns disparates acerca do presente NP, mas deve ter-se entretanto arrependido dos mesmos, já que decidiu excluir VN[I]BEL(es) (sic) do mais recente repertório antroponímico ibérico (Rodríguez, 2014, *passim*), com muito material coligido à custa do esforço alheio (Faria, 2015, pp. 137–138).

É agora a vez de Simón (2015a, p. 186, n. 39) tentar confundir os seus leitores através de um depoimento respeitante ao mesmo NP, cuja falsidade nos vemos na obrigação de desmontar. Assim, é ao autor destas linhas, e não a García Romero (1997, p. 544), que cabe a identificação de *Unibel* como NP ibérico (Faria, 2002b, p. 125, 2003b, p. 216, 2004a, p. 310), a decompor em *unin* (MLH III 1, p. 237) e em *bel* (Faria, 2002b, p. 125, 2003b, p. 216). García Romero (1997, p. 544) optou erradamente pela lição VN[I]BEL(e), declarando sem hesitações que “*Uni-bele* [sic] es un nombre ibérico”, ao passo que Canto (ad *HEp* 7, 300), a despeito de acertar na transcrição, preferiu ver em V'NI'BEL a abreviação de V'NI'BEL(es). Fica, pois, bem claro que Simón falta clamorosamente à verdade ao outorgar a García Romero aquilo que este não escreveu. Não é, aliás, a primeira vez (e.g., Faria, 2014, p. 181) — nem será, decerto, a última (v., muito recentemente, Simón, 2015b, pp. 5, 8, 31, 73, 76, 85–86) —, que este investigador nos tenta desapossar do que é da nossa lavra. Veja-se ainda o caso do NP *tanco* (C.4.1), cuja identificação Simón (2012, p. 78, 2015a, p. 183, n. 15) resolveu atribuir a outros que não exclusivamente ao signatário (Faria, 2007a, pp. 216, 218, 227).

J'AVR'CI'DI'R F. Copo de cerâmica ibérica. La Alcúdia (Elche, Alicante). Lorrio & Pérez Blasco, 2015, pp. 316–318.

Estamos perante o NP ibérico *Aurcidir*, segmentável em *aur-cidir*. O F final constitui naturalmente a abreviatura de F(ecit). Cremos que esta nossa leitura se impõe com grande vantagem sobre as opções prévias: ARCDRE ou ARCDRF (Lorrio & Pérez Blasco, 2015, p. 316 e n. 13).

Dado o estado fragmentário do suporte, é possível que o NP em questão esteja incompleto no seu início, pelo que não é de excluir a hipótese de o mesmo ter sido *Laurcidir*, em detrimento de *Aurcidir*.

Se são várias as atestações de *aur* na onomástica ibérica (MLH III 1, p. 213, § 7.21; Faria, 1994a, p. 67, 1998b, p. 238, 2000a, p. 125, 2002b, pp. 123, 130, 2004b, p. 184, 2007b, pp. 163, 169, 2008a [2009a], p. 147, 2008b [2009b], p. 72, 2010 [2011], pp. 90, 92, 2013, p. 189), só conhecemos um testemunho indiscutível de *cidir*, especificamente em **angidir** (C.2.53; Moncunill, 2010, p. 46; Ferrer, 2013, pp. 124, 130), afigurando-se bem menos verosímil, dada a oposição de sonoridade entre as consoantes envolvidas, que o mesmo segmento figure em **bigitir** < **Bigi-(ci)dir* (Moncunill, 2010, p. 68). Em todo o caso, a haplologia postulada por Moncunill para este NP poderia servir de explicação para a segmentação de **angidir** em **Angi-(ci)dir*, de preferência a **An-gidir* (Moncunill, 2010, p. 46). Seja qual for a segmentação adequada, fica sem efeito uma parte da crítica que endereçámos (Faria, 2010 [2011], p. 61) à análise formulada por Moncunill a respeito deste último NP.

J'NNARISCER. Vaso de *terra sigillata*. La Jana (Baix Maestrat, Castelló). Corell, 2005, pp. 178–179, n.º 95.

Há mais de uma década propusemos restituir o presente NP ibérico como [BI?]NNARISCER < **[bi?]nYriscer* ou como [SE?]NNARISCER < **[se?]nYriscer*, sendo qualquer destas hipóteses preferível a [A]NNADISCER < **[a]nnadiscer* (Corell, 2005, pp. 178–179). A interpretação de **binnar* < **binYr** como componente onomástico ibérico, da nossa responsabilidade, é tributária do estudo sobre a distribuição das nasais ibéricas assinado por Correa

(1999, pp. 388, n. 84, 389 e n. 89), enquanto a sugestão no sentido de incluir **sennar* < *senYr* na mesma categoria léxica foi originariamente formulada por Untermann (MLH III 2, p. 373).

Mostrando ser um total desconhecedor desta nossa análise, Velaza (2014 [2015], p. 44) mais não faz do que reproduzir os erros de leitura constantes da *editio princeps*.

Bibliografia citada

- AGUD QUEROL, Manuel; TOVAR LLORENTE, Antonio (1989) – Materiales para un Diccionario Etimológico de la Lengua Vasca. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. Donostia-San Sebastián. 23:2, pp. 463–532.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) – *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.
- ARÉVALO GONZÁLEZ, Alicia (1997) – *Las acuñaciones ibéricas meridionales, turdetanas y de Salacia en la Hispania Ulterior*. In ALFARO ASINS, Carmen; ARÉVALO GONZÁLEZ, Alicia; CAMPO DÍAZ, Marta; CHAVES TRISTÁN, Francisca; DOMÍNGUEZ ARRANZ, Almudena; RIPOLLÉS ALEGRE, Pere Pau – *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, pp. 194–232.
- BÄHR, Gerhard (1948) – Baskisch und Iberisch IV. Das Iberische. *Eusko-Jakintza*. Bayonne. 2:4–5, pp. 381–455.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2001) – Fono(tipo)logía de las (con)sonantes (celt)ibéricas. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. – *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 287–303.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2013) – Escolios a un topónimo prerromano implícito. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 13, pp. 33–47.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2015) – “Osito”, “Bajo la Ciudad” y demás lúbricas toponimias de más. *Quaderns de Filologia: Estudis Lingüístics*. Valencia. 20, pp. 123–148.
- BASCUAS LÓPEZ, Edelmiro (2006) – *Hidronimia y léxico de origen paleoeuropeo en Galicia*. Sada, A Coruña: Edición do Castro.
- BDHESP II = ESTARÁN TOLOSA, María José; BELTRÁN LLORIS, Francisco; BALBOA LAGUNERO, Diana; SIMÓN CASTEJÓN, Víctor (2015) – *Banco de Datos Hesperia de lenguas paleohispánicas (BDHESP), II: numismática paleohispánica*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- BELASKO ORTEGA, Mikel (1999²) – *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: apellidos navarros*. 2.ª ed. (1996¹). Pamplona: Pamiela.
- CAMPMAJO, Pierre; FERRER I JANÉ, Joan (2010) – Le nouveau corpus d’inscriptions ibériques rupestres de la Cerdagne (1): premiers résultats. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 10, pp. 249–274.
- CAMPMAJO, Pierre; UNTERMANN, Jürgen (1993) – Les influences ibériques dans la Haute Montagne catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. – *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 499–520.
- CAPALVO LIESA, Álvaro (1996) – *Celtiberia: un estudio de fuentes literarias antiguas*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
- CARO BAROJA, Julio (1945) – *Materiales para una historia de la lengua vasca en su relación con la latina*. Salamanca: Universidad.
- CIL I² = LOMMATZSCH, Ernst, ed. (1918) – *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) – *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COLLANTES PÉREZ-ARDÁ, Esteban (1997) – *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.l.]: Arkis.
- CORELL VICENT, Josep (2005) – *Inscripcions romanes del País Valencià, II. 1. L’Alt Palància, Edeba, Lesera i els seus territoris. 2. Els mil·liaris del País Valencià*. València: Universitat.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1989) – Inscripción vascular indígena hallada en Baeza (Jaén). *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 19, pp. 183–189.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1993) – Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIE-

- GO LAJARA, Ignacio-Javier; SILES RUIZ, Jaime; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, pp. 101–116.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1999) – Las nasales en ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; BELTRÁN LLORIS, Francisco, eds. – *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, pp. 375–396.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2001) – Las silbantes en ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. – *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 305–318.
- CURCHIN, Leonard A. (1990) – *The local magistrates of Roman Spain*. Toronto: University of Toronto Press.
- CURCHIN, Leonard A. (2009) – Toponimia antigua de Contestania y Edetania. *Lucentum*. Alicante. 28, pp. 69–74.
- CURCHIN, Leonard A. (2015) – *A supplement to The local magistrates of Roman Spain*. Waterloo: Ed. do Autor.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2007) – Varietäten des Keltischen auf der Iberischen Halbinsel: neue Evidenzen. In BIRKHAN, Helmut, ed. – *Kelten-Einfälle an der Donau. Akten des vierten Symposiums deutschsprachiger Keltologinnen und Keltologen. Philologische – historische – archäologische Evidenzen. Konrad Spindler (1939–2005) zum Gedenken (Linz/Donau, 17.–21. Juli 2005)*. Wien: Österreichische Akademie der Wissenschaften, pp. 149–162.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2013a) – Celtic and other indigenous divine names found in the Italian peninsula. In HOFENEDER, Andreas; DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia, eds. – *Théonymie celtique, cultes, interpretatio = Keltische Theonymie, Kulte, interpretatio: X. workshop F.E.R.C.AN., Paris 24.–26. Mai 2010*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, pp. 73–96.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2013b) – The phonetic interface of word formation in Continental Celtic. In GARCÍA ALONSO, Juan Luis, ed. – *Continental Celtic word formation: the onomastic data*. Salamanca: Universidad, pp. 63–83.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2014) – Tipología de las leyendas monetales célticas: la Península Ibérica y las demás áreas de la Céltica antigua. In BURILLO MOZOTA, Francisco; CHORDÁ PÉREZ, Marta, eds. – *VII Simposio sobre los Celtíberos: nuevos hallazgos, nuevas interpretaciones*. Teruel: Fundación Segeda – Centro de Estudios Celtibéricos, pp. 185–201.
- DELAMARRE, Xavier (2007) – *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l'épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- DELAMARRE, Xavier (2012) – *Noms de lieux celtiques de l'Europe ancienne (–500 / +500)*. Arles: Errance.
- DESANGES, Jehan (1977) – Sur quelques rapports toponymiques entre l'Ibérie et l'Afrique Mineure dans l'Antiquité. In *La toponymie antique: actes du colloque de Strasbourg, 12–14 juin 1975*. Leiden: Brill, pp. 249–264.
- EDCS = *Epigraphik-Datenbank Claus/Slaby* < http://db.edcs.eu/epigr/epi_de.php >.
- FARIA, António Marques de (1990–1991) – Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1991a) – [Recensão de] UNTERMANN, J. – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. Coimbra. 30, pp. 187–197.
- FARIA, António Marques de (1991b) – Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, pp. 13–22.
- FARIA, António Marques de (1993) – A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1994a) – Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 65–71.
- FARIA, António Marques de (1994b) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1995a) – Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, pp. 79–88.
- FARIA, António Marques de (1995b) – Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1996) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, pp. 149–187.

- FARIA, António Marques de (1997) – Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, pp. 105–114.
- FARIA, António Marques de (1998a) – [Recensão de] Javier VELAZA FRÍAS, *Epigrafía y lengua ibéricas* [Cuadernos de Historia; 16], Madrid: Arco Libros, S. L., 1996, 69 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 37, pp. 267–271.
- FARIA, António Marques de (1998b) – [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 232–240.
- FARIA, António Marques de (1999a) – Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 153–161.
- FARIA, António Marques de (1999b) – [Recensão de] *La moneda en temps d'August. Curs d'Història Monetaria d'Hispania. (13 i 14 de novembre de 1997)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya; *La moneda en la societat ibèrica. II Curs d'Història monetaria d'Hispania. (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 273–281.
- FARIA, António Marques de (2000a) – Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2002a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, pp. 233–244.
- FARIA, António Marques de (2002b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2003a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 313–334.
- FARIA, António Marques de (2003b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2004a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2004b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, pp. 175–192.
- FARIA, António Marques de (2005) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 163–175.
- FARIA, António Marques de (2006) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:1, pp. 115–129.
- FARIA, António Marques de (2007a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 209–238.
- FARIA, António Marques de (2007b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 161–187.
- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 145–158.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 57–102.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 157–175.
- FARIA, António Marques de (2010) [2011] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 13, pp. 89–106.
- FARIA, António Marques de (2011) [2012] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, pp. 147–186.
- FARIA, António Marques de (2012) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (19). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 15, pp. 87–112.
- FARIA, António Marques de (2013) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (20). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, pp. 187–212.

- FARIA, António Marques de (2014) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (21). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 17, pp. 167–192.
- FARIA, António Marques de (2015) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (22). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 18, pp. 127–148.
- FERRER I JANÉ, Joan (2010) – La llengua i l'escriptura ibèrica a la Cerdanya. *Ker. Puigcerdà*. 4, pp. 50–59.
- FERRER I JANÉ, Joan (2012) – La lengua de las leyendas monetales ibéricas. In GARCÍA SINNER, Alejandro, ed. – *La moneda de los iberos: Ilturo y los talleres layetanos*. Premià de Mar: Ajuntament, Museu Municipal de l'Estampació, pp. 28–43.
- FERRER I JANÉ, Joan (2013) – Los problemas de la hipótesis de la lengua ibérica como lengua vehicular. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 13, pp. 115–158.
- FERRER I JANÉ, Joan (2015) – Le nouveau corpus d'inscriptions ibériques rupestres de la Cerdagne (2): deuxième parution. *Sources. Capcir*. 3, pp. 9–22.
- FERRER I JANÉ, Joan; GARCÍA I RUBERT, David; MORENO MARTÍNEZ, Isabel; TARRADELL-FONT, Núria; TURULL I RUBINAT, Albert (2012) – Aportacions al coneixement de la seca ibèrica de *sikaŕa* i de l'origen del topònim Segarra. *Revista d'Arqueologia de Ponent*. Lleida. 22, pp. 37–58.
- FLETCHER VALLS, Domingo; SILGO GAUCHE, Luis (1991–1993) – Notas sobre un plomo ibérico de procedencia desconocida. *Acta Numismática*. Barcelona. 21–23, pp. 89–92.
- GARCÉS ESTALLO, Ignasi (2014) – El ressò d'una ciutat antiga al peu dels Pirineus. In GARCÉS ESTALLO, Ignasi; REYES I BELLMUNT, Teresa, eds. – *Aeso, d'oppidum ibèric a municipium romà. Isona, Pallars Jussà*. Barcelona: Societat Catalana d'Arqueologia, pp. 27–36.
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2003) – *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- GARCÍA ROMERO, José (1997) – Las placas del Sauzón y el Manchego: instrumentos de administración en el trabajo metalúrgico romano. *Florentia Iliberritana*. Granada. 8, pp. 535–585.
- GAVEL, Henri (1921) – Éléments de phonétique basque. *Revista Internacional de los Estudios Vascos*. Paris. 12:1, pp. 2–536.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Rafael; OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos (2010) – Una inscripción de época republicana dedicada a *Salaecvs* en la región minera de Carthago Nova. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 83, pp. 109–126.
- GORROCHATAGUI CHURRUCA, Joaquín (1984) – *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATAGUI CHURRUCA, Joaquín (1988) – Situación lingüística de Euskal Herria y zonas aledañas en la antigüedad. In *Euskal Herriaren Historiari buruzko Biltzarra = Congreso de Historia de Euskal Herria = Congrès d'Histoire de Euskal Herria = Conference on History of the Basque Country*. Vitoria-Gasteiz: Eusko Jaurlaritzaren Argitalpen-Zerbitzu Nagusia = Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco, pp. 110–124.
- GORROCHATAGUI CHURRUCA, Joaquín (1993a) – Onomástica indígena de Aquitania: adiciones y correcciones I (OIA Add. I). In HEIDERMANNS, Frank; RIX, Helmut; SEEBOLD, Elmar, eds. – *Sprachen und Schriften des antiken Mittelmeerraums: Festschrift für Jürgen Untermann zum 65. Geburtstag*. Innsbruck: Institut für Sprachwissenschaft der Universität Innsbruck, pp. 145–155.
- GORROCHATAGUI CHURRUCA, Joaquín (1993b) – La onomástica aquitana y su relación con la ibérica. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. – *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 609–634.
- GORROCHATAGUI CHURRUCA, Joaquín (1995) [1997] – Los Pirineos entre Galia e Hispania: las lenguas. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 12, pp. 181–234.
- GORROCHATAGUI CHURRUCA, Joaquín (2013) – Révisions épigraphiques du corpus des dédicaces votives de la province d'Aquitania. In HOFENEDER, Andreas; DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia, eds. – *Théonymie celtique, cultes, interpretatio – Keltische Theonymie, Kulte, interpretatio*. X. Workshop F.E.R.C.A.N., Paris 24.–26. Mai 2010. Wien Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, pp. 25–43.
- GUERRERO URIARTE, Antonio (1993) – Una ceca inédita. *El Eco Filatélico y Numismático*. Pamplona. 1001, pp. 43–44.
- HEp* = *Hispania Epigraphica*. Madrid.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1980) – Crónica de lingüística y epigrafía prerromanas de la Península Ibérica: 1979. *Zephyrus*. Salamanca. 30–31, pp. 299–323.

- DE HOZ BRAVO, Javier (1994) – Notas sobre inscripciones meridionales de la Alta Andalucía. In MANGAS MANJARRÉS, Julio; ALVAR EZQUERRA, Jaime, eds. – *Homenaje a José M^o Blázquez*. 2. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 167–179.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2003) – Las sibilantes ibéricas. In MARCHESINI, Simona; POCCETTI, Paolo, eds. – *Linguistica e storia. Sprachwissenschaft ist Geschichte. Scritti in onore di Carlo De Simone. Festschrift für Carlo De Simone*. Pisa: Giardini, pp. 85–97.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2005) [2006] – Epigrafías y lenguas en contacto en la Hispania antigua. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, pp. 57–97.
- DE HOZ, Javier (2015a) – Una nota sobre el beleño en la antigüedad. In ÁNGEL Y ESPINÓS, Jesús; FLORISTÁN IMÍZCOZ, José Manuel; GARCÍA ROMERO, Fernando; LÓPEZ SALVÁ, Mercedes, eds. – *Υγίεια και γέλως: homenaje a Ignacio Rodríguez Alfageme*. Zaragoza: Pórtico, pp. 161–169.
- DE HOZ, Javier (2015b) – **belenos** (MLH E.1.318-9): ¿celta o ibérico?. OUDAER, Guillaume; HILY, Gaël; LE BIHAN, Hervé, eds. – *Mélanges en l'honneur de Pierre-Yves Lambert*. Rennes: Éditions Tir, pp. 139–147.
- IGARTUA UGARTE, Iván (2008) [2010] – La aspiración de origen nasal en la evolución fonológica del euskera: un caso de *rhinoglottophilia*. *Anuario del Seminario de Filología Vasca "Julio de Urquijo"*. Donostia-San Sebastián. 42:1, pp. 171–189.
- IGLESIAS, Hector (2012) – À propos de quelques graphies apparaissant dans plusieurs anthroponymes et toponymes («basco-aquitaines») de l'Antiquité et du Moyen-Âge. *Nouvelle Revue d'Onomastique*. Paris. 54, pp. 205–225.
- KNÖRR BORRÀS, Henrike (1999) – Astronomy and Basque language. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 88, pp. 403–416.
- LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni (1997) – Gogoetak aitzineuskararen berreraiketaz: konparaketa eta barneberreraiketa. *Anuario del Seminario de Filología Vasca "Julio de Urquijo"*. Donostia-San Sebastián. 31:2, pp. 537–616.
- LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni (1999) – Ná-De-Ná. *Uztaro*. Bilbao. 31, pp. 15–84.
- LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni (2011) – Aitzineuskararen berreraiketaz: egindakoaz eta eginkizunez. In SAGARNA IZAGIRRE, Andoni; LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni; SALABERRI ZARATIEGI, Patxi, eds. – *Pirinioetako hizkuntzak, lehena eta oraina = As luengas d'os Pirineus, passau y presén = Las lengas deus Pirineus, passat e present = Las llengües dels Pirineus, passat i present: [Euskaltzaindiaren] XVI. biltzarra, Iruñean 2008ko urriaren 6tik 10ena*. Bilbao: Euskaltzaindia, pp. 617–694.
- LORRIO ALVARADO, Alberto; PÉREZ BLASCO, Miguel F. (2015) – La inscripción latina pintada sobre cerámica de El Castellar (Crevillent, Alicante). *Lucentum*. Alicante. 34, pp. 311–321.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2005) [2006] – Los topónimos en las inscripciones ibéricas. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, pp. 471–489.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2007a) – L'onomastique des Vettons: analyse linguistique. In LAMBERT, Pierre-Yves; PINAULT, Georges-Jean, eds. – *Gaulois et Celtique continental*. Genève: Droz, pp. 245–276.
- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2007b) – Problemas de morfología nominal ibérica: sufijos y pautas de composición asociados a topónimos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, pp. 49–88.
- MARTÍNEZ SÁENZ DE JUBERA, Martín; GONZÁLEZ PERUJO, José María (1998) – Onomástica vasca en la Rioja. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 79, pp. 475–496.
- MAYER I OLIVÉ, Marc; VELAZA FRÍAS, Javier (1993) – Epigrafía ibérica sobre soportes típicamente romanos. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. – *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 667–682.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1997^s) – *Apellidos vascos*. 5.ª ed. (1953¹). San Sebastián: Txertoa.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1954) – De onomástica aquitana. *Pirineos*. Jaca. 10, pp. 409–455.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1955) – Cuestiones relacionadas con la escritura ibérica. *Emerita*. Madrid. 23, pp. 265–284.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1961) – Comentarios en torno a la lengua ibérica. *Zephyrus*. Salamanca. 12, pp. 5–23.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1979) – La langue ibère. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. – *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 23–39.
- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2010) – *Els noms personals ibèrics en l'epigrafia antiga de Catalunya*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2015) – The Iberian lead plaque in the Víctor Català Collection (Empúries, L'Escala): a new study and edition. *Epigraphica*. Faenza. 77, pp. 67–83.
- NIETO BALLESTER, Emilio (1997) – *Breve diccionario de topónimos españoles*. Madrid: Alianza.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2005) [2006] – Sobre algunos posibles numerales en textos ibéricos. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 5, pp. 491–505.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2011) – Los numerales ibéricos y el protovasco. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 28, pp. 125–139.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2014) – Vocalismo átono en ibérico y romance. *Liburna*. Valencia. 7, pp. 69–78.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo; VELAZA FRÍAS, Javier (2012) – Noticias viejas y nuevas sobre la inscripción de Obarra (CIL II 5840). *Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, Historia Antigua*. Madrid. 25, pp. 261–269.
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (1999) – *La langue basque au Moyen Age (IXe–XVe siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- PALOMAR LAPESA, Manuel (1957) – *La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (2015) – *Inscripciones ibéricas de les comarques de Tarragona*. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica.
- PÉREZ ALMOGUERA, Arturo (2001) – **ildif/ildur** = *oppidum*. Los nombres de lugar y la ciudad en el mundo ibérico. *Faventia*. Barcelona. 23:1, pp. 21–40.
- PÉREZ ALMOGUERA, Arturo (2001–2002) [2004] – De nuevo sobre la ubicación de la ceca de Iltirke y el tritetartemorion de *Sikaṛbi/Sikaṛa*. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 17–18, pp. 247–252.
- PÉREZ ALMOGUERA, Arturo (2008) – Las monedas con nombres de étnicos del s. II a.C. en el Nordeste peninsular. ¿Reflejo de posibles circunscripciones?, ¿*Civitates con doble nombre*? *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 81, pp. 49–73.
- PÉREZ ALMOGUERA, Arturo (2011) – La ceca de *iltirka (iltirkesken)* a la luz de los nuevos datos analíticos. *Revista d'Arqueologia de Ponent*. Lleida. 21, pp. 57–60.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2007a) – Ibérico *seltar* = “*tumulus*”? *Arse*. Sagunto. 41, pp. 27–36.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2007b) – Sobre la posible interpretación de algunos componentes de la onomástica ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, pp. 89–117.
- QUINTANILLA NIÑO, Alberto (1998) – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (1987) – Toponimia vasca y toponimia navarra: su contribución para ponderar los efectos del proceso de aculturación. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22–27 septiembre 1986)*, 2: *Comunicaciones*. Pamplona: Institución “Príncipe de Viana”, pp. 563–576.
- RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (1988) – Vitalidad indígena ante el proceso de romanización: el testimonio de los topónimos en “*ain*”. In *II Congreso Mundial Vasco. Congreso de Historia de Euskal Herria, I sección. Tomo I*. Vitoria-Gasteiz: Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco, pp. 179–192.
- RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (2002) – Navarra: los colectivos sociales en la Antigüedad. In ERRO GASCA, Carmen; MUGUETA MORENO, Iñigo, eds. – *Grupos sociales en Navarra. Relaciones y derechos a lo largo de la Historia. Actas del V Congreso de Historia de Navarra, Pamplona, septiembre de 2002, volumen III: ponencias*. Pamplona: Eunat, pp. 21–53.
- RIURÓ I LLAPART, Francesc (1982) – El plom amb epigrafia ibèrica del poblat de Castell (Palamós). *Cypselà*. Girona. 4, pp. 123–131.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002) [2003] – Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua ibera. *Cypselà*. Girona. 14, pp. 251–275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2007) [2008] – Ética y epigrafía: respuesta a Marques de Faria y observaciones sobre los antropónimos paleohispánicos en inscripciones latinas. *Arse*. Sagunto. 41, pp. 75–114.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2014) – Nuevo índice crítico de formantes de compuestos de tipo onomástico iberos. *ArqueoWeb*. Madrid. 15, pp. 81–238 < <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/arqueoweb/pdf/15/RodriguezRamos.pdf> >.
- RUBIO MARTÍNEZ, Juan Carlos (1997) – Una estela funeraria romana en San Andrés de Cameros, La Rioja: estudio preliminar. *Faventia*. Barcelona. 19:1, pp. 55–63.

- RUIZ RODRÍGUEZ, Arturo; MOLINOS MOLINOS, Manuel (2007) – *Iberos en Jaén*. Jaén: Universidad.
- RUIZ RODRÍGUEZ, Arturo; RUEDA GALÁN, Carmen; MOLINOS MOLINOS, Manuel (2010) – Santuarios y territorios iberos en el Alto Guadalquivir (siglo IV a.n.e. – siglo I d.n.e.). In TORTOSA ROCAMORA, Trinidad; CELESTINO PÉREZ, Sebastián; CAZORLA MARTÓN, Rebeca, eds. – *Debate en torno a la religiosidad protohistórica*. Madrid: CSIC, pp. 65–81.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2013) [2015] – Topónimos alaveses de base antropónimica terminados en -iz, -ez y -ona/-oa. *Lapurдум*. Bayonne. 17, pp. 201–220.
- SALAZAR ORTIZ, Natalia (2012) – *L'ager de Municipium Sigarrens [sic]: poblament i xarxa viària entre la Prehistòria i l'Antiguitat Tardana*. Barcelona: Societat Catalana d'Arqueologia.
- SALAZAR ORTIZ, Natalia; RAFEL FONTANALS, Nuria (2015) – La fortaleza ibérica de Sigarra: génesis y diacronía entre la Primera Edad del Hierro y la Antigüedad Tardía (siglos VI a.C. – VI d.C.). In RODRÍGUEZ MONTERRUBIO, Óscar; PORTILLA CASADO, Raquel; SASTRE BLANCO, José Carlos; FUENTES MELGAR, Patricia, eds. – *Congreso Internacional de Fortificaciones en la Edad del Hierro: control de los recursos y el territorio*. Asociación Científico-Cultural Zamora Protohistórica. Zamora, 14, 15 y 16 de mayo de 2014. Valladolid: Glyphos Publicaciones, Arbotante patrimonio e innovación S.L., pp. 399–408.
- SANTIAGO HARO, José (2014) – ¿Podría haber estado ubicada la famosa ciudad de Ilorci (Plinio *Naturalis Historia*, III, 3, 9) donde el yacimiento de Úbeda la Vieja (Jaén)? una hipótesis y sus fundamentos. *Boletín del Instituto de Estudios Giennenses*. Jaén. 210, pp. 209–291.
- SCHUCHARDT, Hugo (1909) – Iberische Personennamen. *Revue Internationale des Etudes Basques*. Paris. 3:3, pp. 237–247.
- SILES RUIZ, Jaime (1986) – Sobre la epigrafía ibérica. In *Reunión sobre epigrafía hispánica de época romano-republicana*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, pp. 17–42.
- SILGO GAUCHE, Luis (1994) – *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- SILGO GAUCHE, Luis (2000) – El problema de las silbantes ibéricas. *Habis*. Sevilla. 31, pp. 503–521.
- SILGO GAUCHE, Luis (2002) – Las inscripciones ibéricas de Liria. *Arse*. Sagunto. 36, pp. 51–79.
- SILGO GAUCHE, Luis (2007) – Elbokoris, un topónimo conflictivo en la Lusitania interior. *Arse*. Sagunto. 41, pp. 21–26.
- SILGO GAUCHE, Luis (2009) [2010] – La antroponimia ibérica de la *Turma Salluitana*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 139–155.
- SILGO GAUCHE, Luis (2010) – Algunas reflexiones sobre el plomo ibérico de Ullastret MLH. C.2.3. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 10, pp. 297–331.
- SILGO GAUCHE, Luis (2011) – Miscelánea ibérica y vasca. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 11, pp. 315–326.
- SILGO GAUCHE, Luis (2013) – *Estudio de toponimia ibérica: la toponimia de las fuentes clásicas, monedas e inscripciones*. Valencia: Vision Libros.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2012) – Un grafito ibérico sobre una pesa de telar de La Guardia de Alcorisa (Teruel). *Habis*. Sevilla. 43, pp. 73–82.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2015a) – *Tanniber*: un productor de metal de posible origen ibérico. *Pallas*. Toulouse. pp. 181–192.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2015b) – La epigrafía antigua del Jiloca. *Libérica*. Calamocha (Teruel). 4 < http://www.xiloca.com/espacio/wp-content/uploads/2015/09/isimonCALAMOCHA_ok.pdf >.
- SOLIER, Yves (1979) – Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, pp. 55–123.
- SOLIER, Yves; BARBOUTEAU, Henri (1988) – Découverte de nouveaux plombs, inscrits en ibère, dans la région de Narbonne. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, pp. 61–94.
- TIR, J-30 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-30: Valencia. *Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Corduba, Hispalis, Carthago Nova, Astigi*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Ciencia y Tecnología-Ministerio de Educación y Cultura, 2000 [2002].
- TOLOSA LEAL, Antonio (2007) – ¿La palabra “lobo” en ibérico? *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 8, pp. 159–163.
- TRASK, Robert Lawrence (1997) – *The History of Basque*. London; New York, NY: Routledge.
- UHLENBECK, Christian Cornelius (1932) – Udagara. *Revista Internacional de Estudios Vascos*. San Sebastián. 23:1, pp. 1–3.

- VALLEJO RUIZ, José María (2005) – *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1993) – Una nueva lápida ibérica procedente de Civit (Tarragon). *Pyrenae*. Barcelona. 24, pp. 159–165.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1996) – *Cronica epigraphica Iberica*: hallazgos de inscripciones ibéricas en Levante, Cataluña, Aragón y Navarra (1989–1994). In VILLAR LIÉBANA, Francisco; ENCARNACÃO, José d', eds. – *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13–15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, pp. 311–337.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2011a) – El elemento -o en la formación de topónimos del área lingüística ibérica. In GARCÍA BLANCO, María José; AMADO RODRÍGUEZ, Teresa; MARTÍN VELASCO, María José; PEREIRO PARDO, Amelia; VÁZQUEZ BUJÁN; Manuel Enrique, eds. – *Ἀητίδιωρον: homenaje a Juan José Moralejo*. Santiago de Compostela: Universidad, pp. 567–572.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2011b) – Los contactos lingüísticos en la Hispania prerromana y romana: cuestiones conceptuales y metodológicas. In RUIZ DARASSE, Coline; LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón, eds. – *Contacts linguistiques dans l'Occident méditerranéen antique*. Madrid: Casa de Velázquez, pp. 89–100.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2013) – Tres inscripciones sobre plomo de La Carencia (Turís, Valencia). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 13, pp. 539–550.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2014) [2015] – Notas de epigrafía y onomástica iberorromanas del Maestrat (CS). *Anuari de Filologia. Antiqua et Mediaevalia*. Barcelona. 4, pp. 39–44.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2015) – *Salaeco*: un teónimo ibérico. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. Bonn. 194, pp. 290–291.
- VIDAL MORENO, Joan Carles (2009) – *Los vínculos europeos del substrato ibero: substrato en el catalán, origen del vasco, relación con el paleosardo y el georgiano, adstrato celtoligur*. Barcelona: La Busca edicions.
- VIDAL MORENO, Joan Carles (2012) – *Los vínculos europeos del substrato ibero: substrato en el catalán, origen del vasco, relación con el paleosardo y el georgiano, adstrato celtoligur*. [2a. edición ampliada y mejorada] [version on-line 2.0].
- VIDAL MORENO, Joan Carles (2015) – *Toponimia ibérica*. Barcelona: Editorial Sunya.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2000) – *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2005) – Topónimos y estratigrafía de las lenguas. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María – *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 13–152.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2011) – Los topónimos -il del ibero y su cronología relativa. In GARCÍA BLANCO, María José; AMADO RODRÍGUEZ, Teresa; MARTÍN VELASCO, María José; PEREIRO PARDO, Amelia; VÁZQUEZ BUJÁN; Manuel Enrique, eds. – *Ἀητίδιωρον: homenaje a Juan José Moralejo*. Santiago de Compostela: Universidad, pp. 573–594.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2014) – *Indoeuropeos, iberos, vascos y sus parientes: estratigrafía y cronología de las poblaciones prehistóricas*. Salamanca: Universidad.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María; JORDÁN CÓLERA, Carlos; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar (2011) – *Lenguas, genes y culturas en la Prehistoria de Europa y Asia suroccidental*. Salamanca: Universidad.
- VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1998) – *Les dracmes ibèriques i llurs divisors*. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.